

A PRÁTICA DA MÚSICA RENASCENTISTA PARA PEQUENOS GRUPOS DE FLAUTA DOCE

Ana Paula Peters

Resumo: Esta palestra tem por objetivo proporcionar um momento de reflexão sobre uma das possibilidades interdisciplinar de ensino da flauta doce. Parte de experiências em sala de aula e em concertos da palestrante como historiadora e flautista que viabilizaram a criação da oficina “A Prática da Música Renascentista para Pequenos Grupos de Flauta Doce” durante a realização do seu Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Música da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Palavras-chave: ensino, flauta doce, história.

Com a realização de concertos e o registro em gravações e partituras de obras desconhecidas da maioria do público até então, o século XX trouxe uma nova luz e oportunidade aos períodos mais antigos da música. Também ocorreu a necessidade da pesquisa sobre manuscritos destas épocas, em busca desde o acontecimento social que a música representava até o caráter de cada composição. Desta maneira a prática da música antiga se estabeleceu como um resgate de sonoridades e afetos, com o intuito de manter viva a memória musical de períodos como o renascimento, tão importante quanto os outros.

Neste sentido, a oficina “A Prática da Música Renascentista para Pequenos Grupos de Flauta Doce” possibilitou um conhecimento aprofundado sobre o contexto histórico, político, cultural e social do Renascimento através de aulas expositivas e pesquisas sobre estes contextos e as biografias de compositores e intérpretes realizadas pelos alunos. A vivência e prática musical deste repertório concretizou-se na formação de pequenos grupos de flauta doce, que estudaram e interpretaram o repertório da Renascença para este instrumento musical e na apreciação de diferentes gravações deste repertório, realizadas por grupos brasileiros e estrangeiros.

Neste sentido, a sala de aula tornou-se um espaço no qual professores e alunos utilizaram para fazer suas reflexões críticas sobre o mundo em que

vivemos, o que ele nos apresenta, esconde ou, muitas vezes, nos impõem. No caso desta oficina, inicialmente foi realizada uma grande reflexão sobre como são influenciadas as nossas maneiras de falar e compreender a música. E como o estudo de um período musical como o Renascimento pode ampliar o nosso conhecimento musical, repertório para flauta doce e aprimorar a prática de música de conjunto, além de reconhecermos elementos deste período na música atual.

Discutir questões atuais a partir do Renascimento? Sim! A música renascentista, assim como todas as músicas de outras épocas, são estudadas, pensadas e praticadas nos dias de hoje. Assim, este trabalho foi feito e pensado de maneira a responder certas questões que geralmente são colocadas a quem estuda a música histórica: devo usar instrumentos de época? Posso tocar um tema renascentista numa guitarra elétrica? Posso tocar “Greensleeves” com ritmo de baião? Que gravações devo ter como modelo, apenas grupos estrangeiros ou também posso ouvir grupos brasileiros? Quem se aproxima mais da “verdadeira” música renascentista? Muitas destas questões já foram ou estão sendo respondidas nas pesquisas de músicos, historiadores, sociólogos, etnomusicólogos e educadores.

Como afirma a pianista, educadora e diretora da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, Glacy Antunes de Oliveira,

É urgente a necessidade de preparar docentes com capacidade intelectual e base teórico-prática para propor abordagens interdisciplinares compatíveis com as rápidas transformações nunca antes observadas na história e na cultura, que vêm ocorrendo na contemporaneidade e interferindo na relação entre arte, cultura, ensino e sociedade.¹

Algumas pessoas podem pensar que a música renascentista está muito distante de nós. Entretanto, a indústria cinematográfica com filmes como “Romeu e Julieta” trazem tanto a ambientação quanto a cultura e a música deste período. Sejam as versões antigas, como a de Bernardo Bertolucci como as mais atuais de Baz Luhrmann. Ou seja, ela está mais presente aos nossos ouvidos do que imaginamos. Assim o pensar sobre a música renascentista

¹ OLIVEIRA, Glacy Antunes de. *O ensino de música no Brasil: fatos e desafios*. Revista da UFG. Vol. 7. No. 2. dezembro, 2005. on line (www.proec.ufg.br)

passará por um repensar, podendo ser ouvida e pensada de uma nova maneira, com seu passado e história sempre presentes.

Por encontrarmos também uma grande produção de músicas para flauta doce, acaba sendo um período importante para a valorização atual deste instrumento musical, que reaparece na metade do século XX como um facilitador do ensino musical para diferentes idades e também como instrumento histórico, na interpretação do repertório de música antiga. Pois, com o nascimento da orquestra clássica, os compositores procuravam instrumentos com maiores recursos dinâmicos. Assim, começa o declínio da flauta doce perante a flauta traverso que já por volta de 1750 praticamente desaparecia do repertório de qualquer compositor.

Na Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire comenta que aprender “é um processo que pode deflagar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador”. O que é uma grande satisfação para qualquer professor, inclusive para mim, observar que esta curiosidade e criatividade foi despertada nos alunos. Afinal, o que se espera dos alunos é que nos superem, que a partir do que possibilitamos no processo de conhecimento eles possam continuar, ir mais longe. Por isso o ensino é um processo coletivo, construído a partir também dos conhecimentos que os alunos já trazem consigo. Assim, o planejamento das aulas teve certa flexibilidade para sanar as curiosidades e assuntos que surgiram durante o processo. É importante saber como trazer a curiosidade e o conhecimento dos alunos para dentro das aulas, aproveitando e valorizando-os da melhor maneira possível.

O objetivo principal desta oficina foi:

- Tornar mais dinâmica a experiência dos alunos na aprendizagem da técnica instrumental a partir da prática de conjunto de flautas doce e do repertório de música renascentista para este instrumento.

E os objetivos específicos foram:

- Vivenciar diferentes performances da música renascentista;
- Praticar música em conjunto para melhor observar a melodia que interpreta e também a dos outros integrantes do grupo instrumental, percebendo as relações sonoras que resultam da execução em conjunto;
- Promover o desenvolvimento técnico;

- Enriquecer a formação musical pela contextualização e conhecimento aprofundado do período estudado;

- Aprofundar o conhecimento do repertório de Música Renascentista

- Apreciar musicalmente as composições dos principais músicos do período;

- Conhecer os instrumentos musicais utilizados na música renascentista;

- Analisar as obras de pintores, arquitetos, poetas, escritores e as tapeçarias do renascimento, percebendo se existem paralelos ou não com as criações musicais;

- Conhecer as transformações da flauta doce;

- Conhecer o debate sobre a interpretação histórica e a utilização de instrumentos “históricos” na música renascentista (lembrando que nesta oficina utilizou-se flautas doces de plástico e de modelo barroco, por serem as utilizadas no ensino de flauta doce atualmente. Fica indicado os outros modelos de flautas doces antigas para conhecimento e aquisição, caso os alunos pretendam se aprofundar neste repertório e optem pela interpretação com instrumentos históricos).

- Conhecer e analisar o trabalho de um grupo, a Camerata Antiqua de Curitiba, por ter desenvolvido um grande e excelente trabalho com música antiga para coro e orquestra. Representando os artistas paranaenses que ainda hoje interpretam este tipo de repertório.

Ao final de cada aula - foram 34 aulas-, um ou dois grupos apresentavam a interpretação da música que estudaram para todos terem oportunidade de ouvir a peça e comentar a interpretação dada pelos alunos. Os alunos também fizeram pequenas pesquisas sobre o compositor e as formas musicais cujo repertório foi estudado e interpretado para terem subsídios necessários para a apresentação didática, podendo interagir com o público na conclusão da oficina, durante o concerto-didático.

Nesta oficina, foi levado em consideração os conceitos mais atuais de Educação Musical, que mostram que a formação musical significa muito mais do que o treinamento para tocar um instrumento musical ou cantar em um coral. O educador musical atual deve apoiar-se em abordagem interdisciplinar, apresentar os conteúdos através de jogos, canções, dramatizações, histórias,

atividades escritas, recursos visuais e auditivos condizentes com a faixa etária, além de estratégias específicas para estimular e desenvolver habilidades motoras e musicais, a percepção auditiva e visual, a expressão corporal e vocal, a vivência e a criatividade nas diversas atividades. Nesta oficina, música e história andaram juntas, uma oferecendo suporte para outra, possibilitando uma visão mais ampla da prática musical e do período estudado.

Neste sentido, também pode-se refletir sobre o estágio, uma oportunidade para pensar sobre nossa prática educativa e a construção do conhecimento. Na realidade, tal reflexão deve continuar e acontecer durante toda nossa prática profissional, ampliando nosso repertório de recursos de ação pedagógica.

O grande desafio desta oficina foi articular o conhecimento construído até então, fora e dentro do contexto acadêmico, com as necessidades da sala de aula que os alunos trouxeram. Este desafio foi aceito e bem trabalhado por eu não ser uma aluna típica de licenciatura, mas já contar com uma experiência profissional ampla e intensa. Ocorreu constantemente a reflexão na ação, afinal as situações apresentadas pela prática educacional são únicas e este contexto prático da aplicação da oficina trouxe surpresas e situações inesperadas de crescimento para todos, alunos e professora. Este fato pode ser observado na avaliação final de um dos alunos da oficina:

“Essa experiência de ter participado dessa oficina, para mim foi uma das coisas hiper importantes para minha carreira de flautista doce. Eu ainda sou um novato na flauta doce, tenho muito que aprender ainda. Esse tempo que passamos juntos com o pessoal da formação e da licenciatura, além de fazer novos amigos, me ajudou a entender as origens da nossa música, pois sabemos que tudo isso veio de algum lugar, e com certeza podemos dizer que muito do que fazemos hoje começou no Renascimento” (Binho)

Deste aluno vale comentar a presença da música em sua vida. Ela é tão importante para ele que criou um blog sobre a flauta doce, onde apresenta inclusive vídeos em que aparece tocando músicas que conheceu na Oficina de música renascentista:

<http://aflutadoce.vila.bol.com.br>;

www.youtube.com.br/binhoservice